

## A FALA ECOLÁLICA

Suenia Roberta Vasconcelos da Silva – *Universidade Católica de Pernambuco*<sup>1</sup>  
(*sueroberta@hotmail.com*)

**Resumo:** O presente trabalho sobre a fala ecológica da criança com autismo tem por objetivo compreender a linguagem do autista tendo em vista a sua singularidade, sabendo que o processo de apropriação da língua é repleto de subjetividade. O diagnóstico de autismo se dá em virtude dos indícios que afetam a vida social e o dia a dia do sujeito, começando desde a mais tenra infância. No autismo percebemos algumas dificuldades com relação à linguagem, tendo em vista as alterações encontradas na linguagem, como por exemplo, a ecolalia. Essa questão da repetição da ecolalia permitiu que desde o princípio o sujeito autista fosse compreendido como desprovido de linguagem, por causa da dificuldade de comunicação. Assim, o interlocutor precisa compreender o contexto em que o discurso está inserido para promover sentido à enunciação do sujeito autista. Compreendendo que a linguagem é qualquer sistema de sinais usados pelos sujeitos para se comunicar, na qual manifesta características do sujeito. Apresentamos uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, baseado em observações de fragmentos de linguagem, que contêm ecolalia, de uma criança autista que faz parte do Grupo de Convivência e Acolhimento Autismos, da Universidade Católica de Pernambuco. Tais fragmentos da linguagem foram selecionados do banco de dados do laboratório de linguagem do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem daquela mesma universidade e analisados através do programa ELAN. É por meio do discurso que o sujeito autista se enuncia na língua, esta enunciação configura um quadro figurativo que constitui o diálogo.

**Palavras-chave:** Ecolalia; linguagem; autismo.

## **Introdução**

O autismo caracteriza-se como um transtorno do desenvolvimento que faz parte do grupo dos Transtornos do Espectro do Autismo (TEA), de acordo com o DSM V, compêndio médico publicado em 2013 pela Associação Americana de Psiquiatria, usado como referência para pesquisas, diagnóstico e classificação dos transtornos mentais. O diagnóstico de autismo se dá em virtude dos indícios que afetam a vida social e o dia a dia do sujeito, começando desde a mais tenra infância.

No autismo percebemos algumas dificuldades com relação à linguagem, tendo em vista as alterações encontradas na linguagem, como por exemplo, a ecolalia. A ecolalia se apresenta nos dicionários médicos como uma repetição de palavras ou frases ouvidas anteriormente no discurso de outras pessoas (RUIZ TORRES, 1987; REY, 2003). Fernandes (1996) e Nicolosi et al (1996) explicam que a ecolalia pode acontecer imediatamente (ecolalia imediata) ou tardiamente de modo automática (ecolalia mediata ou atrasada) ou, ainda, de maneira alterada, voluntária ou não (ecolalia mitigada), podendo as reproduções serem pronunciadas com a mesma entoação e estarem relativamente relacionadas a contextos específicos. Essa questão da repetição da ecolalia permitiu que desde o princípio o sujeito autista fosse compreendido como desprovido de linguagem, por causa da dificuldade de comunicação.

A Dra. Ana Beatriz Barbosa Silva descrevendo as dificuldades de linguagem em uma criança com autismo deixa claro que:

As crianças com autismo apresentam grande variação no desenvolvimento da linguagem; algumas têm poucas habilidades na fala e quase não conseguem se comunicar. Outras falam com elaboração, mas podem ter dificuldade de compreensão. (SILVA, 2012, p. 164)

O transtorno autista apresenta um complexo desarranjo no desenvolvimento e de acordo com Silva (2012), as dificuldades de socialização e comunicação são algumas das características do TEA.

O sujeito com autismo apresenta dificuldades com a habilidade social, a de interpretar o sinal social e intenções das pessoas, a da comunicação verbal e não verbal e a de inadequações comportamentais. Portanto, o sujeito autista exibe interesse e atividades repetitivos e restritos, além da dificuldade de agir com o inesperado e apresentar pouca flexibilidade com relação às mudanças de rotina (SILVA, 2012).

Assim, o presente trabalho sobre a fala ecológica da criança com autismo tem por objetivo compreender a linguagem do autista tendo em vista a sua singularidade, sabendo que o processo de apropriação da língua é repleto de subjetividade.

### **O autismo e sua história**

O autismo configura-se em um transtorno do comportamento caracterizado, sobretudo, por dificuldade na interação social, estereotípias motoras e de linguagem. (KANNER, 1966; SILVA, 2012).

De acordo com Cunha (2012), Kanner se apropria do termo autismo, no qual foi apresentado pela primeira vez em 1911, pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, com o intuito de descrever a fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia. “O termo ‘autismo’ deriva do grego ‘autos’, que significa ‘por si mesmo’ e, ‘ismo’, condição, tendência.” (CUNHA, 2012, p. 20).

Eugen Bleuler, psiquiatra austríaco, foi a primeira pessoa em 1911, a utilizá-la para descrever uma das características de pessoas com esquizofrenia, se referindo ao isolamento social dos indivíduos acometidos.

As primeiras descrições sobre autismo são recentes, pois, surgiram na década de 40. O psiquiatra infantil Leo Kanner publicou em 1943, um estudo no qual observou 11 crianças e inicialmente, ele formulou a teoria de que os sintomas que apresentavam como isolamento extremo desde o início da vida, apego às rotinas, preferência por objetos inanimados em detrimento das pessoas, ecolalia imediata e tardia, e inversão pronominal seriam inatos àquelas crianças.

Apesar de, Kanner, em seus artigos, não afirmar a posição psicodinâmica como sendo a origem do autismo, levantou esta possibilidade, pois, as crianças observadas não possuíam a capacidade inata para estabelecer contato afetivo e biologicamente previsto no desenvolvimento, sem estimulação, devido a esta

condição, ressaltou a possibilidade delas não serem receptivas às personalidades dos pais, gerando a hipótese da etiologia deste transtorno ser de natureza psicodinâmica. (BRASIL, 2013)

Foi no ano de 1944 com a publicação da tese de doutorado do pesquisador austríaco Hans Asperger que com um estudo observacional com mais de 400 crianças, revelou a psicopatia autista da infância, avaliando seus padrões de comportamento e habilidades. Descreveu um transtorno da personalidade que incluía falta de empatia, baixa capacidade de fazer amizades, monólogo, hiperfoco em assunto de interesse especial e dificuldade de coordenação motora (quadro que depois ficou denominado como síndrome de Asperger). Diferente de Kanner, ele não especula a atribuição da causa do autismo como de ordem psicodinâmica, ele atribui a causa do autismo a uma deficiência biológica, especialmente genética (BRASIL, 2013, p. 25).

A partir da década de 1960, a psiquiatra inglesa Lorna Wing, cuja filha era portadora de autismo, além de publicar textos de grande importância para o estudo deste assunto, traduziu para o inglês os trabalhos de Hans Asperger, também foi a primeira pessoa a descrever a tríade de sintomas: alterações na sociabilidade, comunicação/linguagem e padrão alterado de comportamentos. Na mesma década, o psicólogo comportamental Ole Ivar Lovaas introduziu a ideia de que as crianças com autismo aprendem habilidades novas através da técnica da terapia comportamental.

Na década de 80, o autismo recebeu um reconhecimento especial, diferente da esquizofrenia, o que propiciou um maior número de estudos científicos, recebendo a denominação diagnóstica correta e com critérios específicos.

Silva (2012), salienta para uma nova perspectiva sobre o autismo como sendo de fatores originadores e de desenvolvimento, respaldados nas neurociências, cujo estudo tem demonstrado:

Que indivíduos com autismo aparentam ter dificuldades na área cognitiva de funções executivas. Essas funções são um conjunto de processos neurológicos que permitem que a pessoa planeje coisas, inicie uma tarefa, controle-se para continuar na tarefa, tenha atenção e, finalmente, resolva o problema. (SILVA, 2012, p. 41)

A evolução classificatória das causas do autismo permitiu que novas possibilidades fossem analisadas, entre elas, as funções executivas, que são responsáveis pela interação do indivíduo com o ambiente, incluindo pessoas e objetos, e determinam sua ação.

Em dezembro de 2007, a ONU decretou em 2 de abril o Dia Mundial de Conscientização do Autismo (*World Autism Awareness Day* — WAAD), celebrado pela primeira vez em 2008.

No Brasil, os cuidados mais efetivos têm apenas três décadas. No dia 8 de agosto de 1983, um grupo de pais, em São Paulo, a maioria com filhos autista, fundaram oficialmente a primeira organização brasileira a Associação de Amigos do Autista (AMA). O "I Encontro de Amigos do Autista", promovido pela AMA foi realizado em novembro de 1984, com um papel social e de pesquisa amplo de ajuda a todas as famílias com autismo da cidade, do estado e do país, que incentivou o surgimento de outras instituições que são hoje reunidas pela Associação Brasileira de Autismo (Abra), que baseada no lema "a união faz a força", representa todos aqueles que lutam pelos direitos das pessoas com autismo em âmbito nacional.

Em dezembro de 2012, alguns dos direitos dos autistas passaram a ser assegurados pela lei 12.764, chamada de "Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista". Basicamente, a lei reconhece que os portadores de autismo têm os mesmos direitos que todos os outros pacientes com necessidades especiais no Brasil. Entre outros aspectos, a legislação garante que os autistas podem frequentar escolas regulares e, se necessário, solicitar acompanhamento nesses locais.

## **Análise dos dados**

Émile Benveniste em seus estudos sobre a Teoria da Enunciação faz uma diferenciação entre o funcionamento e a forma da língua. Segundo Benveniste (2006), o funcionamento tem sido estudado conforme a perspectiva da nomenclatura gramatical e morfológica, mas isso não é suficiente. Deve ser levando em consideração que as esferas de uso das formas não são iguais ao uso da língua, mas para realizar a descrição linguística precisa da utilização de formas. O uso da língua em ocasiões especiais nos expõe a um indivíduo que se apropria da

língua por um ato individual de uso e a põe em funcionamento, isto é, concebe a enunciação.

Apresentamos uma pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, baseado em observações de fragmentos de linguagem, que contêm ecolalia, de uma criança autista que faz parte do Grupo de Convivência e Acolhimento Autismos, da Universidade Católica de Pernambuco. Tais fragmentos da linguagem foram selecionados do banco de dados do laboratório de linguagem do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem daquela mesma universidade e analisados através do programa ELAN.

O fragmento de linguagem analisado, a seguir, está inserido em um contexto lúdico, no qual a criança autista irá cantar a música “Os Dedinhos”, assim, no momento da terapia com a fonoaudióloga no Grupo de Convivência e Acolhimento Autismos da UNICAP, a criança autista segura a câmera e começa a filmar a sua mão, nesse instante a estudante do mestrado pede para a criança ensinar a música para a fonoaudióloga, e a criança emite a fala ecolálica “**tirar foto**”.

**Estudante do mestrado:** Como é a música? Ensina para Roberta a música.

**Criança autista:** Tirar foto. Tirar foto. Tirar foto.

**Estudante do mestrado:** Tirar foto? Você quer me ajudar a filmar, é?

**Criança autista:** Tirar foto. Tirar foto. Tirar foto.

Nos dados expostos acima, compreendemos que, por meio da ecolalia, a criança autista apresenta um contato com a língua repleto de singularidade que está expresso pela repetição da frase “**tirar foto**”, mostrando a subjetividade da criança autista ao se enunciar na linguagem. Dessa forma, a criança autista se apropria dos signos linguísticos para interagir na língua se propor como sujeito na e pela linguagem. Segundo Benveniste (2006),

Com o signo tem-se a realidade intrínseca da língua; com a frase liga-se às coisas fora da língua; e enquanto o signo tem por parte integrante o significado, que lhe é inerente, o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor (BENVENISTE, 2006, p. 230).

Assim, o interlocutor precisa compreender o contexto em que o discurso está inserido para promover sentido à enunciação do sujeito autista.

A maneira como a criança se apropria da língua e a põe em uso através da linguagem estabelece o discurso, no qual promove o diálogo. De acordo com Benveniste (2006),

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. (BENVENISTE, 2006, p. 83-84)

Assim, ao se enunciar na e pela linguagem, a criança autista amplia a sua interação com o mundo em que está inserida e, segundo Benveniste (2005; 2006), utiliza formas linguísticas específicas para promover a enunciação, compreendendo a linguagem como espaço de constituição do sujeito. Desse modo, a linguagem é qualquer sistema de sinais usados pelos sujeitos para se comunicar, na qual manifesta características do sujeito.

Para que o autista interaja na e pela linguagem é preciso que o interlocutor auxilie a criança a ser resgatada do seu mundo particular e estabeleça contato com os sujeitos que estão a sua volta (SILVA, 2012).

### **Considerações finais**

A linguagem é a capacidade que temos de expressar sentimentos, pensamentos e opiniões. Os sons, os sinais, os gestos, por exemplo, são formas de linguagens usadas para promover atos de comunicação. Ao significar a linguagem do autista promovemos o seu desenvolvimento, a instituição do sujeito e a consequente inclusão e reintegração do autista na área social e no contexto.

Para promover o desenvolvimento da criança autista através da linguagem é necessário possibilitar atividades que proporcione motivação para que a criança sinta interesse de participar de atividades com o outro e que tenha prazer em estar e ficar.

Assim, é por meio do discurso que o sujeito autista se enuncia na língua, esta enunciação configura um quadro figurativo que constitui o diálogo. Compreendemos que não cabe mencionar que o autista não tem linguagem e não se comunica. Existe uma maneira particular de se relacionar com o outro e se instituir como sujeito na e pela linguagem.

## Referências

- AUTISMO E REALIDADE. **Diagnóstico do autismo**. Disponível em:  
<<http://autismoerealidade.org/informe-se/sobre-o-autismo/diagnosticos-do-autismo/>> Acesso em: 10 de agosto de 2018.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. 5ª ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. 2ª ed. Trad. Eduardo Guimarães et al. Campinas, SP: Pontes, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Operacionais do Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, **modalidade Educação Especial**. Brasília, 2009.
- CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- FERNANDES, F.D.M. **Autismo infantil: repensando o enfoque fonoaudiológico – aspectos funcionais da comunicação**. São Paulo: Lovise, 1996.
- FERRAREZI Jr, C.; BASSO, R. **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2013.
- KANNER, L. **Autistic Disturbances of Affective Contact**. p.217-250, 1943. Disponível em:  
<[http://neurodiversity.com/library\\_kanner\\_1943.pdf](http://neurodiversity.com/library_kanner_1943.pdf)> Acesso em: 10 de agosto de 2018.
- KANNER, L. **Psiquiatria infantil**. Buenos Aires: Paidós e Psique, 1966.
- NICOLOSI, L.; HARRYMAN, E.; KRESHECK, J. **Vocabulário dos distúrbios da comunicação: fala, linguagem e audição**. Trad. Sandra Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- REY, L. **Dicionário de termos técnicos de medicina e saúde**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.





RUIZ TORRES, F. **Dicionário de termos médicos inglês-português**. Trad. Cássio Galvão Monteiro. São Paulo: Roca, 1987.

SILVA, A. B. B. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.